

## **FORMAÇÃO DOCENTE PARA A INCLUSÃO: ANÁLISE DE UM CURSO DE EXTENSÃO COM LICENCIANDAS EM PEDAGOGIA**

Jacqueline de Souza Prais\*  
jacqueline\_lidiane@hotmail.com  
Vanderley Flor da Rosa\*\*  
vanderley@utfpr.edu.br

### **RESUMO**

A formação de professores e a organização do ensino têm assumido papel relevante nas políticas educacionais quanto à necessidade de práticas pedagógicas inclusivas. Diante dessa temática, foi elaborada e aplicada uma ação didática formativa voltada à formação de professores para inclusão no que tange ao planejamento de atividades pedagógicas com base nos Princípios do Desenho Universal para a Aprendizagem. Dessa forma, tem-se como questão principal de investigação: De que maneira a ação didática, como estratégia formativa de docentes para inclusão na licenciatura em Pedagogia, pode contribuir no planejamento de atividades pedagógicas subsidiadas pelos Princípios do Desenho Universal para a Aprendizagem? Elenca-se como objetivo geral interpretar as contribuições advindas da aplicação dessa Unidade Didática em um curso de extensão com 40 licenciandas de um curso de Pedagogia. Como metodologia de pesquisa adota-se a pesquisa de campo na modalidade colaborativa. Os dados coletados foram organizados em episódios que nesse artigo apresenta-se: (i) Unidade Didática: análise do processo formativo, amparado por quatro unidades de análise: o conteúdo, os modos de ação educativa, o uso de ferramentas didáticas e a organização dos espaços de aprendizagem. Dentre os resultados, destaca-se que as participantes se envolveram durante a proposta colaborativa de formação, apropriaram-se do conteúdo do curso e identificaram uma mudança didático-pedagógica ao planejar na perspectiva inclusiva. Oferece-se, por meio dessa ação didática formativa, uma contribuição ao campo da formação docente para inclusão educacional, a partir da organização das atividades pedagógicas baseadas nos Princípios do Desenho Universal para a Aprendizagem.

**Palavras-chave:** formação de professores; Curso de Pedagogia; ações pedagógicas; unidade didática; Desenho Universal para a Aprendizagem.

### **1 INTRODUÇÃO**

Nas relações profissionais percebemos inquietações nos ambientes escolares sobre como promover uma educação inclusiva que assegure a satisfação de aprendizagem dos alunos. Nesse contexto, a formação de professores e a organização do ensino têm assumido papel relevante nas políticas educacionais quanto à necessidade de práticas pedagógicas inclusivas.

---

\* Doutoranda em Educação pela Universidade Estadual de Londrina, Brasil. Atualmente é docente substituta do magistério federal na UTFPR/LD. Integrante do Grupo de Pesquisa em Educação - GEPEDEC na linha de formação de professores e pesquisadora no Observatório de Políticas Públicas.

\*\* Doutor em Educação pela UNESP/Marília. Professor da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Brasil, Câmpus Cornélio Procópio e professor permanente do Programa de Mestrado Profissional em Ensino de Ciências Humanas, Sociais e da Natureza (PPGEN/UTFPR, Câmpus Londrina).

Mantoan (2015, p. 28) defende que a inclusão escolar é aquela que “propõe um modo de organização do sistema educacional que considera as necessidades de todos os alunos, estruturado em função dessas necessidades”. Nesse sentido, a inclusão escolar exige que a escola, juntamente com todos os docentes, ofereça um ensino que assegure recursos e estratégias adequados para promover a aprendizagem dos alunos.

No entanto, em linhas gerais, de acordo com Mendes (2010), a inclusão educacional representa um desafio para a efetivação do sistema de ensino brasileiro. Um dos pontos que dificultam assegurar o direito de todos à educação é a ausência de uma formação de professores para a prática pedagógica inclusiva, adequada no contexto educacional (GLAT; PLETSCH, 2010; VITALIANO, 2010). Portanto, enfatizamos ser urgente uma formação pedagógica aos professores pensada na e para a inclusão escolar.

Identificamos que um curso de licenciatura plena em Pedagogia introduzia tais problemáticas e direcionava a reestruturação curricular do Projeto Pedagógico do Curso (PPC). Porém, diante da perspectiva dos licenciandos, a formação inicial não contemplava todas as necessidades formativas para a inclusão.

Pautados nessas problematizações, acreditávamos ser necessário refletir sobre a formação inicial de professores no curso de Pedagogia, para inclusão, bem como, discutir sobre os princípios inclusivos articulados ao planejamento de atividades pedagógicas nesse processo educacional, subsidiado por uma perspectiva que respondesse a esses anseios. Para tanto, encontramos um referencial – os Princípios do Desenho Universal para a Aprendizagem (DUA)<sup>1</sup> – que nos foi útil para responder tal questionamento e que serviu como base de fundamentação da investigação pretendida com licenciandos do curso de Pedagogia.

Ao partir dessa constatação, de um problema vinculado à prática pedagógica da Educação Superior na formação inicial de professores, para a inclusão educacional em um curso de Pedagogia, foi desenvolvido um produto educacional que representasse o uso e a contribuição desse referencial, os Princípios do DUA em uma ação didática formativa que consistiu em uma Unidade Didática aplicada por meio de um curso de extensão com 40 licenciadas de um curso de Pedagogia.

---

<sup>1</sup> Perspectiva criada a partir de 1990 por Anne Meyer e David Rose, somados a um grupo de pesquisadores nos Estados Unidos do *Center for Applied Special Technology* (CAST). Em inglês: *Universal Design for Learning* (UDL). O termo se refere a um grupo de princípios orientadores do planejamento e da prática pedagógica docente em uma educação inclusiva.

Em consequência disso e da necessidade de compreender a organização de atividades inclusivas, “o quê”, além do “como” e do “por que” ensinar numa perspectiva de educação inclusiva, delimitamos o seguinte problema de pesquisa: de que maneira a ação didática, como estratégia formativa de docentes para inclusão na Licenciatura em Pedagogia, pode contribuir no planejamento de atividades pedagógicas subsidiadas pelos Princípios do Desenho Universal para a Aprendizagem? Ao conduzir a investigação, redigimos o objetivo geral como: interpretar as contribuições advindas de uma ação didática formativa com licenciandos do curso de Pedagogia, no que diz respeito ao planejamento de atividades pedagógicas subsidiadas pelos Princípios do DUA.

Estruturamos este artigo apresentando o conceito de Desenho Universal para a Aprendizagem (DUA) e suas contribuições para formação docente em educação inclusiva. Em seguida, pontuamos o encaminhamento metodológico, os resultados e as discussões em análise ao curso de extensão como ação didática formativa para inclusão.

## **2 FORMAÇÃO DOCENTE E A EDUCAÇÃO INCLUSIVA: CONTRIBUIÇÕES DO DESENHO UNIVERSAL PARA A APRENDIZAGEM**

A necessidade da formação docente existe para a organização do ensino e para revelar as intenções inclusivas em práticas e em atividades inclusivas, que assegurem tais pressupostos e direitos dos alunos à educação. A inclusão educacional é um movimento que defende o acesso e a permanência de alunos com deficiência no contexto escolar, além de expressar a necessidade de mudanças nas políticas e estratégias metodológicas da prática escolar (CARVALHO, 2012).

Corroboramos com Rodrigues (2006), de que essa formação, além de ser para todos os profissionais que atuam na educação, deve começar na formação inicial, que possa delinear e desenvolver intervenções apropriadas e, ao longo da formação continuada em serviço, aprimorada e contextualizada. Interpretamos que, a partir dos princípios do DUA, o professor com sua autonomia de planejamento de suas aulas, tem consigo um rol de possibilidades imbuídas de critérios relevantes a serem considerados.

O termo *universal design* ou desenho universal, ou ainda desenho inclusivo, foi desenvolvido por profissionais da área da arquitetura, que corresponde a aplicação de um

conceito de acessibilidade relacionado a um local/espáço/objeto. A partir disso, estas preocupações relacionadas à acessibilidade de um maior número de alunos foram ampliadas para o processo de ensino e aprendizagem no que tange à educação inclusiva, a fim de que um maior número de alunos aprenda.

Na década de 1990, Anne Meyer e David Rose, somados a um grupo de pesquisadores nos Estados Unidos do *Center for Applied Special Technology* (CAST) difundiram a concepção de Desenho Universal para a Aprendizagem (DUA) - em inglês: Universal Design for Learning (UDL). Esse conceito assume que, mais do que intenções, são necessárias práticas inclusivas que efetivem os princípios de um ensino para assegurar a aprendizagem dos alunos, bem como satisfaça as necessidades educacionais dos alunos.

O DUA incide na elaboração de um conjunto de objetos, ferramentas e processos pedagógicos que visam a acessibilidade para a aprendizagem dos alunos. O DUA, por sua vez, assume como princípios norteadores: a) possibilitar múltiplas formas de apresentação do conteúdo, de ação e de expressão do conteúdo pelo aluno e, também, b) proporcionar vários modos de aprendizagem e desenvolvimento organizados pelo professor para os alunos, c) promover a participação, o interesse e o engajamento na realização das atividades pedagógicas (CAST, 2011).

Tais princípios do DUA são traduzidos em objetivos na consecução do planejamento docente para o processo de ensino e aprendizagem: (i) proporcionar opções para a percepção, para o uso da linguagem, expressões matemáticas e símbolos, compreensão, atividade física, expressão e comunicação, funções executivas, (ii) propiciar o incentivo ao interesse, além de (iii) oferecer suporte ao esforço e a persistência e fornecer opções para a autorregulação (CAST, 2011).

Esses conceitos e princípios têm sido qualitativamente aplicados em escolas norte-americanas, como apontam Meyer, Rose e Gordon (2002) e, no Brasil, destacado por Bersch (2013). Esses autores destacam a organização do ensino para a construção de um conjunto de recursos e estratégias que visam a contribuir para a autonomia, para a independência e para a inclusão da pessoa com deficiência, de forma qualitativa e com mais possibilidades de aprendizagem.

A partir desse contexto, oferecemos uma discussão sobre o planejamento de atividades pedagógicas para a inclusão a partir dos princípios do DUA. Diante das mudanças significativas advindas pelo e para o movimento da inclusão educacional, além de repensar o

papel da escola e dos professores admitimos a necessidade “[...] de desenvolver práticas pedagógicas eficazes que garantam a aprendizagem de todos” (NUNES; MADUREIRA, 2015, p. 128-129).

Os princípios do DUA assumem objetivos e estratégias para uma proposta didática de ensino, que visa a satisfazer as necessidades de aprendizagem de um maior número de alunos em sala de aula. Meyer, Rose e Gordon (2014) salientam que a organização do ensino exigirá múltiplas formas de representação, relacionadas aos conteúdos os quais serão ensinados, às múltiplas formas de ação e representação articuladas ao como se ensinará e às múltiplas formas de engajamento atrelado ao porquê e para quê ensinar, conseqüentemente para a aprendizagem pelo aluno.

Segundo Nunes e Madureira (2015, p. 133), a perspectiva do DUA é, também, uma abordagem curricular, pois “[...] procura minimizar as barreiras da aprendizagem e maximizar o sucesso de todos os alunos e, nessa medida, exige que o professor seja capaz de começar por analisar as limitações na gestão do currículo, em vez de sublinhar as limitações dos alunos”. Para haver essa transição de um currículo a um ato educativo inacessível para o acessível, é exigido o desenvolvimento destes conhecimentos junto aos docentes em seu processo formativo.

Em suma, tais contribuições minimizam as necessidades formativas levantadas junto a licenciandos de um curso de Pedagogia preocupados com organização da atividade de ensino para inclusão. Portanto, elaboramos uma Unidade Didática para ser aplicada por meio de um curso de extensão com licenciandos do curso de Pedagogia que atuarão como docente na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Cabe ressaltar que propomos nessa investigação um curso de extensão direcionado àqueles que se encontram durante a formação inicial, pois percebemos a importância de formar futuros Pedagogos preocupados com a perspectiva de uma educação inclusiva.

### **3 ENCAMINHAMENTO METODOLÓGICO**

Preliminarmente, optamos por desenvolver pesquisa de campo, conforme Lakatos e Marconi (2013), que consiste em “[...] conseguir informações e/ou conhecimentos acerca de um problema para o qual se procura uma resposta” (LAKATOS; MARCONI, 2013, p. 69) no local ou momento em que ocorrem.

Dentre as possibilidades dessa pesquisa escolhemos a modalidade colaborativa, segundo Moura (2004), como metodologia de pesquisa a fim de atender os requisitos da investigação. A pesquisa colaborativa entende os participantes e o pesquisador como atuantes durante a investigação, isto é, ambos são aprendizes nesse movimento. Nesse processo de ação formativa, as ações dos sujeitos, em especial as do professor, qualificam as relações de ensino e de aprendizagem por meio “dos conteúdos, dos modos de ação educativa, do uso de ferramentas didáticas e da organização dos espaços de aprendizagem” (MOURA, 2004, p. 254).

A esse propósito, a ação didática formativa (curso de extensão) contemplou: (a) os conteúdos que se referem ao modo com que as licenciandas foram se apropriando dos conceitos e do tema de estudo, (b) os modos de ação educativa, que dizem respeito à percepção da metodologia empregada durante as atividades realizadas, (c) o uso de ferramentas didáticas que consiste na ação das participantes em relação às atividades e os conteúdos e, (d) organização dos espaços de aprendizagem que permitiram destacar o emprego, durante todo o processo de formação, dos aspectos de flexibilidade, transversalidade, adaptabilidade e acessibilidade na aprendizagem. Esses aspectos indicados por Moura (2004) foram estabelecidos, prioritariamente, como unidades de análise, bem como, considerados para os procedimentos de coleta, de apresentação e de análise dos dados diante as ações docentes e discentes no curso de extensão.

O curso de extensão ocorreu em encontros presenciais totalizando 60 horas com 40 licenciandas em Pedagogia de uma instituição pública de educação superior da cidade de Cornélio Procópio-PR, organizado 7 (encontros) presenciais somando a atividades *on-line*.

Quadro 1 – Apresentação geral do curso de extensão

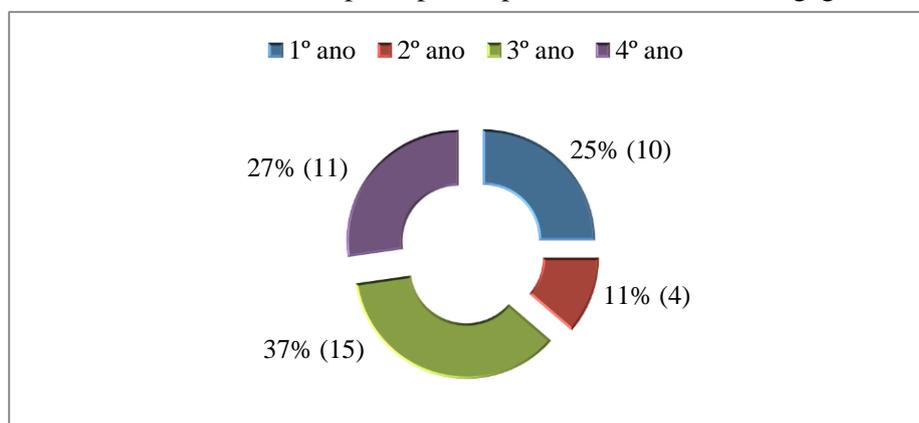
<b>Aulas</b>	<b>Conteúdos</b>	<b>Objetivos específicos</b>	<b>Atividades</b>
Aula 1 e 2: Educação inclusiva	- Aspectos legais da educação inclusiva; - Conceitos e definições de inclusão educacional.	- Apresentar conceitos de inclusão educacional; - Identificar a legislação e os documentos oficiais que subsidiam a educação inclusiva no Brasil; - Propor uma definição de inclusão educacional, considerando os aspectos legais e conceituais.	Conhecendo os participantes Atividade 1 – Confecção de crachá Atividade 2 - Diálogos sucessivos e tempestade de ideias/ nuvens de palavras Atividade 3 – Roda de discussão Atividade 4 – Estudo dos pressupostos da educação inclusiva Atividade 5 – Mitos e verdades sobre inclusão, pergunta circular

Aula 3 e 4: Organização da atividade de ensino para inclusão	- Planejamento - Princípios do Desenho Universal para a Aprendizagem: das intenções à elaboração de atividades	- Explicar os subsídios da organização da atividade de ensino expostos no planejamento docente; - Discutir sobre os aspectos do planejamento e os princípios do Desenho Universal para a Aprendizagem; - Avaliar as intenções inclusivas com práticas docentes no processo de ensino e aprendizagem	Atividade 1 – Círculo de estudos e simpósio Atividade 2 – Estudo dirigido Atividade 3 – <i>WebQuest</i> e <i>Podcast</i>
Aula 5 e 6: Atividades subsidiadas pelo Desenho Universal para a Aprendizagem	- Procedimentos pedagógicos para a inclusão de alunos público-alvo da Educação Especial - Planejamento de atividades pedagógicas inclusivas a partir do Desenho Universal para a aprendizagem.	- Analisar procedimentos pedagógicos para a inclusão de alunos público-alvo da Educação Especial; - Selecionar um conteúdo a ser ensinado na Educação Básica; - Propor e elaborar uma atividade pedagógica que leve em conta os princípios do Desenho Universal para a aprendizagem;	Atividade 1 – Estudo de caso  Atividade 2 – elaboração de atividades pedagógicas
Encontro final: Apresentação dos planos de aula	- Apresentação dos planos de aula	- Apreciar as propostas elaboradas pelos participantes; - Identificar as contribuições e considerações sobre o curso de extensão.	Apresentação dos planos de aula Apreciação dos planos de aula Avaliação do curso

Fonte: Autores (2017)

Esclarecemos que a professora formadora, responsável pelo curso de extensão neste período, era docente na Educação Superior, licenciada em Pedagogia, especialista em Educação Especial e em Políticas Públicas para a Educação, bem como, Mestre em Ensino. Quanto às participantes, licenciandas de um curso de Pedagogia, estavam em momentos diferentes da formação inicial conforme representado pelo gráfico a seguir.

Gráfico – Número de participantes por turma/cursos de Pedagogia



Fonte: Autores (2017)

Os dados indicam que houve representatividade de todos os anos do curso. As acadêmicas do 3º ano com maior número de inscritas, 37% (14), seguidas, de alunas do 4º ano com 27% (12), 1º ano, com 25% (10), e 2º ano com 11% (4). As licenciandas participantes possuíam em média 24 anos de idade, variando de 19 anos a 48 anos.

Para assegurar o sigilo das participantes, estas serão reportadas neste artigo com a letra “L” (licencianda) seguida da numeração aleatória de seus nomes (L1, L2, L3, progressivamente).

Os dados de perfil das participantes e demais resultados foram coletados por meio de um questionário de avaliação final do curso de extensão, e, em seguida, organizados em quatro episódios. Conforme Moura (2004), os episódios são instrumentos adequados para a organização e a interpretação dos resultados do movimento de aprendizagem do pesquisador e do participante em uma ação didática formativa investigada nesta pesquisa de forma colaborativa. Os episódios se caracterizam por “[...] frases escritas ou faladas, gestos ou ações que constituem cenas que podem revelar interdependência entre os elementos de uma ação formadora” (MOURA, 2004, p. 267).

Para este artigo apresentamos um episódio intitulado de “análise do curso de extensão a partir do olhar do formador/formando e formando/formador” amparado por quatro unidades de análise: o conteúdo, os modos de ação educativa, o uso de ferramentas didáticas e a organização dos espaços de aprendizagem.

## **4 EPISÓDIO: ANÁLISE DO CURSO DE EXTENSÃO A PARTIR DO OLHAR DO FORMADOR/FORMANDO E FORMANDO/FORMADOR**

Neste episódio, analisamos o curso de extensão a partir do nosso olhar como formador/formando e pelas percepções dos formandos/formador, por meio do questionário de avaliação final do curso respondido por 35 participantes do curso e pela ficha de avaliação de atividades, empregando os Princípios do DUA.

### **4.1 O CONTEÚDO**

Por ser um conteúdo novo inserido em um curso de formação inicial e pela dimensão pedagógica que abarca uma prática pedagógica inclusiva, este foi um dos pontos positivos ressaltados na avaliação final do curso pelas participantes.

L11: “Acredito que o curso nos trouxe aprendizagens muito relevantes sobre o processo de inclusão e proporcionou um olhar diferenciado sobre a da inclusão na sala de aula sendo que nos mostrou possibilidades de trabalhar que eu desconhecia e acredito agora ser eficaz”.

L12: “Construção de novos conhecimentos, dos quais até então eram totalmente desconhecidos”.

L18: “O curso me possibilitou conhecimentos que enriqueceram minha formação inicial. Tais conhecimentos muitas vezes não são abordados de forma tão clara nos cursos iniciais de formação docente. Neste sentido, o curso veio agregar tanto em minha vida profissional quanto pessoal, pois terei um olhar mais atento sobre as necessidades, as especificidades daqueles que estão a minha volta”.

L24: “Planejamento das atividades e dos conteúdos propostos, ferramentas didáticas e estruturas excelentes, organização e comprometimento com os conteúdos e a clareza nas explicações, com certeza farão a diferença para e minha formação inicial para meu trabalho com a inclusão”.

Dentre as 35 respostas obtidas no questionário final do curso, 88,6% (31) das participantes responderam adequadamente sobre quais são os três Princípios do DUA (possibilitar múltiplas formas de apresentação do conteúdo, de ação e expressão do conteúdo pelo aluno e proporcionar vários modos de aprendizagem e desenvolvimento, organizados pelo professor para os alunos, promovendo a participação, o interesse e o engajamento na realização das atividades pedagógicas).

No que se refere as outras 4 respostas, destacamos que 8,6% (3) delas assinalaram quanto às contribuições do DUA para a prática docente (proporcionar a inclusão, propiciar vários tipos de atividades e usar vários recursos), e 2,9% (1) indicaram quanto aos resultados ao almejar com o emprego do DUA no contexto de ensino (proporcionar conhecimentos aos professores, proporcionar recursos aos alunos e facilitar o processo de ensino e de aprendizagem).

Estas respostas confirmam paralelamente a questão 9 do questionário final do curso, em que 11,4% (4) das licenciandas apontaram ter aprendido o conteúdo apresentado no curso, mesmo tendo dúvidas, e 89% (31) afirmaram ter aprendido o conteúdo e não ficaram com dúvidas.

Salientamos, ainda, que para 89% (31) das participantes do curso de extensão, não ficaram dúvidas. Para tanto, cabe confrontar estes dados no que diz respeito à questão 14 do

questionário, sobre os atendimentos e esclarecimentos de dúvidas individuais pela professora, na qual 100% (35) das acadêmicas afirmaram ter sido ótimo.

Quando questionadas sobre a possível contribuição do curso para seu planejamento docente, pensando que um maior número de alunos possa aprender, 100% (35) afirmaram que o curso contribuiu diante o movimento da inclusão educacional, bem como na aplicabilidade do conteúdo em sua prática pedagógica como professora ou futura professora.

Além disso, explicaram sobre as possibilidades de apresentação do conteúdo, por meio de recursos didáticos e a valorização dos modos de aprendizagem dos alunos.

L19: “Sim, pois agora podemos pensar em vários modos de apresentar conteúdos aos alunos”.

L24: “Sim, pois aprendemos a utilizar diversos recursos, que até então não sabia da existência deles”.

L25: “Sim. O curso foi de extrema importância, pois aprendi que o professor deve fazer uso de inúmeros recursos e estratégias didáticas para que todos os alunos se apropriem do conhecimento proposto”.

Contudo, 75% (26) das licenciandas destacaram que a maior a contribuição foi a mudança de olhar para suas aulas e prática docente, ao visar a satisfação das necessidades básicas de aprendizagem. A seguir, destacamos algumas destas respostas, que evidenciaram estas justificativas:

L1: “Sim, contribui muito para o aperfeiçoamento do meu planejamento visto que trouxe um novo olhar sobre a sala de aula e sobre como planejar uma aula visando a aprendizagem de todos, me fez refletir sobre aspectos que nunca havia pensado antes”.

L11: “Sim. O curso de extensão proporcionou várias formas de ensinar o aluno com algum tipo de deficiência através de suas limitações, aprendendo da mesma forma que os demais, promovendo o interesse e a participação dos mesmos no processo educativo”.

L15: “Sim. O curso nos deu o embasamento de como poderíamos incluir todos os alunos nas atividades a serem propostas a eles. Como poderíamos trabalhar certos conteúdos, como seria o plano de aula inclusivo, entre outros conhecimentos que levaremos para nosso cotidiano”.

L17: “Contribuiu de forma que nossos planejamentos tenha um olhar diferenciado incluindo a todos no processo visando aprendizagem de ambas as crianças. Vimos que à necessidade de planejamento com abrangência a todos sem exclusão, dando oportunidades de um sentir a dificuldade do outro e aprender junto”.

Outro dado importante a ser destacado é quanto ao nível de satisfação das necessidades profissionais, dos interesses e das expectativas. Para 94,3% (33) das licenciandas foi ótimo e para 5,7% (2) foi muito bom.

Acrescentamos também, a partir da pergunta 20 do questionário de avaliação final do curso, os apontamentos positivos das participantes diante do curso de extensão para sua formação inicial, ou seja, de que modo este espaço de aprendizagem pôde minimizar barreiras e desafios para a inclusão no que tange ao planejamento de atividades pedagógicas.

Dos 26 apontamentos realizados, sublinhamos que a aprendizagem, sobre os Princípios do DUA, favoreceu o entendimento do planejamento docente para a inclusão, de modo que contribui para a pesquisa e investigação de recursos e metodologias diversas para apresentar um conteúdo. Essas contribuições foram explicitadas em três respostas:

L14: “os pontos positivos do curso acredito que foi basicamente ele ter ampliado nossa visão como futuros professores de que realmente é possível planejar para a inclusão e que não é algo inalcançável como muitos pensam ser”.

L15: “O curso me preparou para quando houver uma situação em sala de aula, onde podemos aplicar a nossa prática incluindo todos os alunos”.

L19: “Pontos positivos que tivemos a oportunidades de elaborações de aulas que nos ajudaram a lidar com a inclusão nas salas de aulas, vendo conforme a necessidades de cada aluno”.

Ainda sobre os pontos positivos indicados pelas graduandas, foi salientada a contribuição para a *“avaliação da prática pedagógica”*, da inclusão educacional, como prática possível, a partir do planejamento adequado para *“proporcionar o aprendizado ao aluno”*, o conhecimento de *“Novas metodologias de aprendizagem”*, e também a aplicabilidade dos Princípios do DUA, para *“promover aulas muito mais interessantes, e com muito mais detalhes, e isso vai enriquecer minha aula”*.

## **4.2 OS MODOS DE AÇÃO EDUCATIVA**

Quanto aos modos de ação educativa utilizados no curso, segundo 100% (35) das participantes que responderam ao questionário final, o curso de extensão utilizou de forma adequada os Princípios do DUA na apresentação do conteúdo, nas atividades, promovendo a participação e o interesse dos participantes.

L2: “Mesmo sendo de outra cidade, o curso possibilita a várias maneiras de entender o conteúdo do curso, por meio de estudo de caso, vídeo, trabalho em grupo, roda conversa. Isso facilita em muito a compreensão do objetivo do curso, não deixando margem para interpretações equivocadas”.

No entanto, 5,7% (2) das participantes ficaram muito insatisfeitas e 2,9% (1) insatisfeitas com sua percepção e empenho na realização do curso de extensão. As demais, 40% (14) ficaram satisfeitas e 51,4% (18) muito satisfeitas com seu envolvimento no curso de extensão.

Obtivemos relatos sobre a não colaboração em grupo de três participantes, o que podemos deduzir que possam ser estas as estudantes que avaliaram como muito insatisfeitas ou insatisfeitas sua participação no curso, o qual exigiu a interação em grupo, a troca de experiência e a produção colaborativa nas atividades. Contudo, as atividades foram concluídas com sucesso, entregues e apresentadas por todas as integrantes do grupo, que se dividiram em tarefas e nas falas para os demais colegas da turma no último dia do curso.

Avaliamos que o trabalho colaborativo, necessariamente, em alguns casos (3) se fez pela cobrança e pela exigência dos próprios integrantes do grupo e pelas orientações da professora quanto à ciência das atividades do grupo a serem apresentados no final do curso.

Acreditamos que nossas intervenções e orientações intensificaram a importância da participação de todos, ao minimizar algumas barreiras na integração dos grupos e do desenvolvimento das atividades. Tal premissa foi destacada por duas participantes, dentre os pontos positivos do curso a troca de experiência favorecida entre os integrantes no curso.

L11: “O curso foi muito bem organizado e planejado, todos tiveram a oportunidade de se envolver e aprender, por meio das diversas maneiras de explicação e exposição das atividades e recursos”.

L17: “Este curso teve todos os pontos positivos, ele nos proporcionou conhecimentos que poderemos usar em nossa prática docente, nos trouxe vários aprendizados de coisas que muitas vezes nem havia escutado. A professora foi ótima, soube mesclar a aula pra que não ficasse cansativa, e nos deu a oportunidade de interação”.

L26: “Além de novas aprendizagens, as quais poderão ser colocadas em prática na atuação docente, houve grande troca de experiências devido a socialização com diversas pessoas durante o curso, o que possibilitou a conquista de uma visão ainda mais ampla sobre situações, muitas vezes simples, que ocorrem nossa volta, mas que passavamdesapercebidas”.

Segundo 82,9% (29) das licenciandas as informações fornecidas foram muito claras e para 17,1 (6) foram claras com relação a proposta do curso de extensão. E, para 97,1% (34) das participantes a capacidade de incentivo à troca de experiências e os conhecimentos pela professora foram considerados ótimos e para 2,9% (1) muito bons.

### **4.3 O USO DE FERRAMENTAS DIDÁTICAS**

Quanto ao uso de ferramentas didáticas no curso de extensão, 74,3% (26) das participantes avaliaram como muito apropriadas e 25,7% (9) como apropriadas. Nesse dado, confrontamos com a ponderação das licenciandas quanto à percepção do planejamento das atividades pedagógicas desenvolvidas no curso diante das quatro etapas essenciais do plano de aula: conteúdo, objetivo, recursos e metodologia, que permitem avaliar todo o processo de ensino e de aprendizagem, sua adequação e os seus resultados obtidos. Na percepção das participantes quanto ao **planejamento das atividades** desenvolvidas no curso, 91% (33) avaliaram como ótimo, 6% (2) como muito bom e 3% (1) como bom.

### **4.4 A ORGANIZAÇÃO DOS ESPAÇOS DE APRENDIZAGEM**

No que diz respeito à organização dos espaços de aprendizagem no curso de extensão, a avaliação foi satisfatória (23%, 8) e muito satisfatória por 77% (27), e atendendo aos critérios de adequação de carga horária, conteúdo e atividades, 91% (32) avaliaram como muito apropriadas e 9% (3) como apropriadas.

Esses dados anteriores articulados com os resultados obtidos quanto ao domínio e à clareza nas explicações do assunto pela professora do curso, na qual fomos avaliados como “Excelentes”. Destacamos que 94,3% (33) das participantes expressaram com segurança o domínio do assunto indicando a avaliação de “Ótimo” para esse aspecto, e ainda 5,7%, (2) das licenciandas demonstraram domínio do assunto considerando uma boa apropriação do conteúdo do curso de extensão.

Os Princípios do DUA, conforme indicado na avaliação dos modos de ação educativa, 100%, (35) das participantes, julgaram que o curso de extensão utilizou de forma adequada os Princípios do DUA na apresentação do conteúdo, nas atividades, promovendo a participação e o interesse dos participantes.

Isso também ficou expresso na Ficha de avaliação das atividades subsidiadas pelo DUA, que atingiu nota máxima (320 pontos) em todos os itens no julgamento das participantes, nos aspectos pedagógicos, técnicos, nas ferramentas de apoio ao professor e nas ferramentas de apoio ao aluno.

Ponderamos que o curso de extensão visou à amplitude de um espaço organizado de aprendizagem sobre a inclusão educacional, o planejamento docente e os Princípios do DUA. Assim, acreditamos que novas avaliações devem ser feitas, a fim de assegurar maior análise sobre estes Princípios, empregados na ação didática formativa por nós, pois há sempre pontos que precisam ser revistos.

Dentre as contribuições assinaladas pelas participantes, extraímos algumas delas na análise que podem ser foco de estudo posterior, para reavaliar o curso e a sua execução.

L1: “Avançar esse curso para uma pós graduação”.

L3: “Penso que o curso deveria se estender a uma pós graduação”.

L7: “Acredito que não tenho o que reavaliar, mas poderia ter outros para quem ainda não teve a oportunidade de participar”.

L9: “Abranger outras licenciaturas, como também outros cursos. No meu ponto de vista era perfeito só deveria ter mais encontros ser um curso mais extenso”.

L10: “Este curso deve ser oferecido aos professores que já estão atuando nas escolas e não possuem o devido conhecimento, de como alcançar o objetivo de ensinar aos alunos com algum tipo de necessidade especial”.

Em suma, finalizamos esta unidade de análise diante da avaliação do curso de extensão e as ressalvas positivas, feitas pelas participantes de nosso trabalho desenvolvido. Tais aspectos refletem a percepção das acadêmicas de nosso comprometimento e dedicação para esta ação didática formativa e, além disso, a satisfação de terem participado do curso.

L3: “Parabenizar a professora e equipe do curso e demonstrar o interesse em outros assuntos sobre o DUA”.

L5: “Gostaria de ressaltar o comprometimento da professora Jacqueline que estava sempre pronta a nos ajudar e sanar nossas dúvidas, ficou evidente sua preparação para o curso e preocupação com a aprendizagem de todas as alunas”.

L12: “A professora foi simplesmente fantástica nos dando incentivo e oportunidade de nos humanizar primeiro isso foi gratificante”.

L25: “O curso foi exemplar, aprendi muito e gostaria que mais pessoas tivessem acesso a esse conhecimento tão rico e importante em sala de aula”.

Os aspectos da avaliação sobre a organização dos espaços de aprendizagem, indicados por meio da Unidade Didática e aplicados no curso de extensão, percebemos a incorporação dos princípios do DUA. Ademais, houve flexibilidade do currículo na forma em que buscou apresentar o conteúdo de diferentes formas, ao buscar a ação e a expressão dos participantes de múltiplos modos, evidenciado também por meio de estratégias para o interesse delas nas atividades.

É possível perceber a transversalidade dos objetivos estabelecidos que, além de fazer parte desse momento formativo, se estendem para a necessidade de uma formação contínua e permanente dos professores.

Ainda, a adaptabilidade dos recursos utilizados favoreceu as partilhas e discussões entre as integrantes e a professora, bem como o acesso à aprendizagem, para possibilitar a organização de uma ação didática formativa em uma perspectiva inclusiva, além de fazer com que as participantes utilizem esses conhecimentos para uma prática pedagógica em uma perspectiva inclusiva.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Para finalizar este artigo, lembramos nosso problema de pesquisa: De que maneira a ação didática, como estratégia formativa de docentes para inclusão na licenciatura em Pedagogia, pode contribuir no planejamento de atividades pedagógicas, subsidiadas pelos Princípios do Desenho Universal para a Aprendizagem?

Aprendemos que os Princípios do DUA estão articulados com os objetivos e com as estratégias para uma prática pedagógica inclusiva. Assim, sua utilização pelos docentes, na planificação de suas aulas e atividades, contribui no respeito à diversidade, ao ampliar o acesso e a participação de todos os alunos, diante o currículo e a aprendizagem no contexto educacional.

Ao analisar a aplicação da Unidade Didática - como atividade de ensino para a ação formadora, identificamos, nas avaliações das participantes, essa mudança de olhar para o planejar, com vistas à satisfazer as necessidades básicas de aprendizagem dos alunos e organizar um ensino em que o maior número de alunos aprenda. Para tanto, a organização do ensino inclusivo, baseada nos princípios do DUA, permite potencializar qualitativamente a aprendizagem dos alunos, satisfazendo suas necessidades educacionais e o respeito às suas peculiaridades.

Depreendemos que a interação no processo de formação docente entre o formador/professor e o formando/aluno revela o enriquecimento que as experiências, a análise e as interpretações trazem para a constituição de uma prática pedagógica inclusiva.

Evidenciamos na formação oferecida que do modo em que as (futuras) professoras analisaram e planejaram suas aulas, com base no DUA, nas orientações pedagógicas para a

inclusão, amenizaram barreiras de planificar e prever atividades que possam contribuir para a aprendizagem dos alunos na sala de aula e para a efetivação de uma intenção em uma prática pedagógica inclusiva.

Entendemos que pensar, estudar e pesquisar o DUA para o planejamento de atividades pedagógicas inclusivas toma como o primeiro elemento para que o professor se aproprie desses aspectos. Assim, os docentes poderão planificar o conhecimento científico, para que haja aprendizagem efetiva dos alunos, com e sem deficiência, com e sem dificuldade de aprendizagem.

Como possibilidade e alternativa, oferecemos como subsídios teórico e prático os princípios do DUA para que as dificuldades e contradições evidenciadas nos caminhos percorridos na formação inicial de professores para inclusão sejam minimizadas e, progressivamente, supridas. Nessa perspectiva, defendemos que os princípios do DUA correspondem às necessidades formativas e prático-pedagógicas, para com a busca da aprendizagem dos alunos no contexto da inclusão educacional. Em posse desses conhecimentos pedagógicos, os futuros docentes percebem e planificam, em suas atividades, múltiplas formas de apresentação, estudo e avaliação de um conteúdo a ser apropriado pelos alunos.

Diante de tais considerações, avaliamos que, a partir da aplicação de uma Unidade Didática, oriunda dos Princípios do DUA, em um curso de extensão voltado para licenciandas na formação inicial docente, ocorreu uma contribuição para o êxito de práticas inclusivas. O modo com o qual as participantes do curso se apropriaram dos conteúdos do curso, planificaram as ações didáticas de maneira mais coerente com os Princípios do DUA, ao indicar a apresentação do conteúdo de diferentes formas, permitindo que os alunos pudessem agir e se expressar de maneira variada, bem como ao contemplar modos de despertar o interesse deles para a realização das atividades.

Por fim, defendemos se os subsídios teóricos e práticos do DUA estiverem pontuados como componentes curriculares e/ou articulados com a prática dos docentes da Educação Superior, durante sua formação inicial, esses contribuirão com a consolidação da inclusão na Educação Básica por meio do planejamento e a execução de atividades pedagógicas mais adequadas a esse contexto.

## **TEACHING TRAINING FOR INCLUSION: ANALYSIS OF**

## AN EXTENSION COURSE WITH LICENSING IN PEDAGOGY

### ABSTRACT

Teacher's formation and the organization of learning have taken a relevant role in educational policies, in relation to the necessity of inclusive pedagogical practices. From this theme, a formative teaching action was produced focusing on the teacher's formation for inclusion regarding the pedagogical planning activities based on the Universal Design for Learning Principles. Thus, the main question of investigation is: in which manner can the teaching action, as a formative strategy of teachers for inclusion in the Pedagogy course, contribute to the pedagogical planning activities subsidized by the Universal Design for Learning? To answer this question, the main objective is interpreting the contributions emerged from the application of this Teaching Unity in an extension course with 40 under graduated students of a Pedagogy course, through the field research in the collaborative modality, as the methodology. The research methodology adopts the field research in the collaborative modality. The collected data were analyzed in four episodes – (i) Teaching Unity: formative process analysis by four unities of analysis: the content, the ways of educative action, the use of teaching tools and the organization of learning spaces. Among the results, it is highlighted that the participants were involved during the collaborative propose of formation, they also appropriated the content of the course, made a lesson plan using the Universal Design for Learning Principles, and identified a pedagogical-teaching changing to plan in an inclusive perspective. It is offered, from this formative teaching action, a contribution to the field of teacher's formation for educational inclusion, by the organization of the pedagogical activities based on the Universal Design for Learning Principles.

**Keywords:** teacher's formation; Pedagogy Course; pedagogical actions; didactic unity; Universal Design for Learning.

### REFERÊNCIAS

BERSCH, Rita. Introdução à tecnologia assistiva. In: **Assistiva – Tecnologia e Educação**. Porto Alegre: CEDI, 2013.

CARVALHO, Rosita Edler. **Educação inclusiva: com os pingos nos "is"**. Porto Alegre: Mediação, 2012. (p. 77-84)

CAST. **Design for Learning guidelines** – Desenho Universal para a aprendizagem. CAST, 2011. (Universal version 2.0. - [www.cast.org](http://www.cast.org) / [www.udlcenter.org](http://www.udlcenter.org) – tradução).

GLAT, Rosana; PLETSCHE, Márcia Denise. O papel da Universidade no contexto da política de Educação Inclusiva: reflexões sobre a formação de recursos humanos e a produção de conhecimento. **Revista de Educação Especial**, Santa Maria, v. 23, n. 38, p. 345-356, set./dez. 2010.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2013.

MANTOAN, Maria Teresa Egler. **Inclusão escolar: O que é? Por quê? Como fazer?** São Paulo: Summus, 2015.

MENDES, Enicéia Gonçalves. Breve histórico da educação especial no Brasil. **Revista Educación y Pedagogía**, v. 22, n. 57, maio-ago, 2010.

MEYER, Anne; ROSE, David; GORDON, David. **Universal Design for Learning**. Estados Unidos: CAST, 2002.

MEYER, Anne; ROSE, David; GORDON, David. **Universal design for learning: Theory and practice**. Wakefield: CAST Professional Publishing, 2014.

MOURA, Manoel Oriosvaldo de. Pesquisa colaborativa: um foco na ação formadora. In: BARBOSA, Raquel Lazzari Leite (Org.). **Trajetórias e perspectivas da formação de educadores**. São Paulo: Unesp, 2004. (p. 257-284).

NUNES, Clarice; MADUREIRA, Isabel. Desenho Universal para a Aprendizagem: Construindo práticas pedagógicas inclusivas. In: **Da Investigação às Práticas**, v.5, n. 2, p. 126-143, 2015.

RODRIGUES, David (Org.). **Inclusão e educação: Doze olhares sobre a educação inclusiva**. São Paulo: Summus, 2006.

VITALIANO, Celia Regina; MANZINI, Eduardo José. A formação inicial de professores para inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais. In: VITALIANO, Celia Regina. (Org.). **Formação de professores para inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais**. Londrina: EDUEL, 2010.

Recebido em 26 de abril de 2017. Aprovado em 28 de junho de 2017.